

Lição 6 - Imaginação. O que Ela É

TEXTO 428b10-429a9 - LIVRO III, CAPÍTULO III, CONTINUAÇÃO

IMAGINAÇÃO: O QUE ELA É

Mas, uma vez que pode acontecer que, movendo-se uma coisa, outra seja movida por ela; e a imaginação parece ser um movimento, surgir apenas com a sensação, e em seres sencientes, e ser de objetos tais como os que são sentidos; e uma vez que um movimento pode ser causado pela sensação atual, e tal movimento necessariamente se assemelha à sensação, então a imaginação será justamente este movimento, nunca originado separadamente da sensação, incapaz de existir em seres não sencientes, e capacitando seu possuidor a agir e a ser afetado de muitas maneiras, sendo ela mesma tanto verdadeira quanto falsa. §§ 655-9

Isso acontece porque a percepção sensorial é verdadeira em relação aos seus próprios objetos próprios, ou tem a menor quantidade possível de falsidade; mas, secundariamente, ela incide sobre aquilo em que essas qualidades inerem, e aí pode ser enganada. A sensação é confiável quanto a se uma coisa é branca ou não, mas não quanto a se é isto ou aquilo. Em terceiro lugar, há as qualidades comuns consequentes aos acidentes nos quais as qualidades próprias inerem. Refiro-me a coisas como movimento e dimensão, que pertencem aos objetos sensíveis — e sobre estas o engano ocorre muito facilmente na sensação. O movimento derivado da sensação atual difere das sensações pelas quais esses três objetos são percebidos. Embora o primeiro [movimento] seja verdadeiro, estando a própria sensação presente, os outros podem facilmente ser falsos, estando a sensação presente ou não, e especialmente quando o objeto sensível está distante. Se, portanto, nada além da imaginação possui o que foi descrito, então a afirmação é verdadeira, a saber, que a imaginação é um movimento produzido pela sensação atualizada. §§ 660-7

Uma vez que a visão é o sentido mais proeminente, [a imaginação] recebeu seu nome da luz, pois não há visão sem luz. § 668

E uma vez que essas imagens residem no interior e se assemelham às experiências sensoriais, os animais fazem muitas coisas de acordo com elas; alguns animais, por carecerem de razão, a saber, as bestas; outros, porém, os homens, quando seu intelecto está velado seja pela paixão, seja pela doença, seja pelo sono.

Basta, portanto, o que foi dito sobre a imaginação, sua natureza e sua função. §§ 669-70

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LEITURA SEIS

§ 655. Após mostrar que a imaginação não é uma daquelas quatro atividades nas quais os filósofos anteriores dividiam o conhecimento, o Filósofo agora pergunta: o que é a imaginação em si mesma? E ele faz duas coisas. Primeiro, diz o que é a imaginação; em segundo lugar, explica suas propriedades, em 'Isso acontece porque'. E com vistas a definir a imaginação, ele estabelece que qualquer coisa movida pode ela mesma mover outra coisa (recordando o argumento na *Física*, Livro VIII, onde se mostra que há dois tipos de motor, um que é em si mesmo imóvel, e outro que move outro sendo ele mesmo movido).

§ 656. Em seguida, ele sugere que a imaginação é uma espécie de movimento: assim como o sujeito senciente é movido pelos objetos sensíveis, assim, ao imaginar, alguém é movido por certas aparências chamadas fantasmas.

§ 657. A seguir, ele sugere uma afinidade entre a imaginação e os sentidos, no sentido de que a imaginação pressupõe a sensação e é encontrada apenas em seres sencientes ou animais; e, além disso, que ela incide apenas sobre coisas sentidas, e de modo algum sobre coisas puramente inteligíveis.

§ 658. Em seguida, ele sugere que o ato de sensação pode dar origem a uma espécie de movimento, de acordo com o princípio primeiro estabelecido, de que uma coisa movida pode mover outra. A sensação em ato é um ser movido por um objeto sensível; e o movimento do próprio sentido atualizado causa outro movimento que, por proceder da sensação, deve assemelhar-se a ela; pois todo agente, como tal, é causa de sua própria semelhança. E aquilo que, sendo movido, move outro, deve causar um movimento semelhante ao seu.

§ 659. E isso o leva à conclusão de que a imaginação é um certo movimento causado pelos sentidos em seu ato de sentir. Ela não pode existir sem sensação, nem em seres insensíveis. Se há algum movimento causado pela sensação em ato, ele deve assemelhar-se à sensação, e o imaginar é a única atividade desse tipo. Logo, deve ser o movimento em questão. E, sendo tal, pode dar ocasião ao sujeito que imagina para uma variedade de ações e paixões. E pode ser verdadeira ou falsa, como veremos.

§ 660. Em seguida, em 'Isso acontece', ele dá razões para as propriedades características da imaginação, usando a análise acima: (a) ele dá uma razão para sua afirmação de que a imaginação é às vezes verdadeira e às vezes falsa; (b) explica por que é chamada por este nome; e (c) explica por que ele disse que os animais são amplamente governados por suas imaginações.

(a) Primeiro, então, ele nota que a razão pela qual a imaginação é às vezes verdadeira e às vezes falsa está implícita na afirmação de que sua fonte é o ato do sentido externo; pois este se relaciona com a verdade de diferentes maneiras, de acordo com sua relação variável com os objetos.

§ 661. Pois, em primeiro lugar, a percepção sensorial é sempre verdadeira com respeito a seus objetos próprios, ou ao menos incorre, com respeito a estes, no mínimo de falsidade; pois as potências naturais, como regra geral, não falham nas atividades que lhes são próprias; e se falham, isso se deve a alguma perturbação ou outra. Assim, apenas em uma minoria dos casos os sentidos julgam imprecisamente sobre seus objetos próprios, e então apenas por algum defeito orgânico; por exemplo, quando pessoas doentes com febre sentem coisas doces como amargas porque suas línguas estão mal dispostas.

§ 662. Mas os sentidos também têm seus objetos indiretos, e com relação a estes podem ser enganados. O que parece ser branco é de fato branco como o sentido relata; mas se a coisa branca é isto ou aquilo, é neve, por exemplo, ou farinha, é uma questão frequentemente respondida de forma errada pelos sentidos, especialmente à distância.

§ 663. Terceiro, há os 'sensíveis comuns', encontrados nas coisas, algumas das quais qualidades acidentais são 'sensíveis próprios'. Assim, o tamanho e o movimento acompanham, como 'sensíveis comuns', as qualidades sensíveis dos corpos. E estes são muito propensos a dar origem a erro; pois em seu caso nosso julgamento precisa ajustar-se a diferenças de distância: coisas vistas mais longe parecem menores.

§ 664. Ora, o movimento da imaginação, sendo derivado dos sentidos atualizados, difere desses três tipos de sensação em ato como um efeito de sua causa. Assim, precisamente porque os efeitos, como tais, são mais fracos que suas causas, e o poder e a impressão de um agente são cada vez menos evidentes quanto mais distantes estão seus efeitos, portanto a imaginação é ainda mais propensa do que os sentidos a cair no erro que surge de uma dissimilaridade entre o sentido e seu objeto. Pois a falsidade nos sentidos consiste em receber uma forma sensível como outra do que ela é no objeto sensível. Quero dizer outra em espécie, não em termos de materialidade (por exemplo, se um sabor doce é provado na língua como amargo); pois em termos de materialidade há sempre uma diferença entre a forma como recebida no sentido e a forma como existente no objeto. Segue-se também, do que dissemos, que a imaginação é geralmente verdadeira quando surge da ação dos 'sensíveis próprios'; quero dizer, ao menos enquanto o objeto sensível está presente e o movimento da imagem é simultâneo com o movimento do sentido.

§ 665. Mas quando o movimento da imagem ocorre na ausência do objeto sensível externo, podemos ser enganados, mesmo com respeito a sensíveis próprios. Podemos imaginar coisas pretas ausentes como brancas. Por outro lado, os movimentos da imagem decorrentes da percepção de objetos indiretamente sentidos, ou dos sensíveis comuns, são propensos a se extraviar quer o objeto externo esteja presente ou não; embora sejam mais propensos ao erro na ausência do objeto.

§ 666. Deste argumento ele então tira uma conclusão tocante à sua afirmação principal: isto é, se as observações anteriores são verdadeiras apenas sobre a imaginação, e são certamente verdadeiras sobre ela, então a imaginação deve ser o movimento que procede dos sentidos atualizados.

§ 667. Se este movimento também pressupõe alguma potência além dos sentidos externos, é uma questão que Aristóteles deixa sem resposta. Visto que, no entanto, atos diversos implicam potências diversas, e movimentos diversos conotam receptores diversos de movimento (pois a coisa que move move algo diferente de si mesma), parece necessário postular uma potência imaginativa distinta dos sentidos externos.

§ 668. (b) Em seguida, em 'Já que a visão', ele explica o nome *phantasia*. Note que *phos* é o grego para luz, de onde vem *phanos*, i.e., 'aparência' ou 'iluminação', e *phantasia*. Ele diz, então, que, porque a visão é o sentido principal, sendo mais espiritual (como já vimos) e conhecendo uma gama mais ampla de objetos do que qualquer outro, portanto a imaginação, que surge da sensação em ato, recebe seu nome da luz, sem a qual nada pode ser visto.

§ 669. (c) Então, em 'E já que essas imagens', ele explica por que as ações e paixões dos animais são governadas pela imaginação. Imagens, ele diz, 'habitam internamente' na ausência de objetos sensíveis, como vestígios de sensações em ato; portanto, assim como as sensações despertam impulsos apetitivos enquanto os objetos sentidos estão presentes, assim também as imagens quando estes estão ausentes. E portanto as imagens determinam em grande parte o comportamento dos animais. No entanto, isso acontece por sua falta de inteligência; e onde a inteligência está presente, ela é capaz, sendo uma faculdade superior, de fazer seu próprio julgamento prevalecer na prática.

§ 670. Logo, enquanto o intelecto não está no comando, os animais são influenciados pela imaginação; alguns animais porque simplesmente carecem de inteligência (os brutos), e alguns na medida em que seu intelecto está velado (os homens). E os homens podem ser assim influenciados de três maneiras: (a) quando caem em alguma paixão, como ira, desejo, medo etc.; (b) quando estão com a mente perturbada, por delírio ou insanidade; e (c) quando estão dormindo e sonhando. Nestes casos, o intelecto cessa de controlar a imaginação, com o resultado de que os homens tomam suas representações imaginárias pela verdade.

Em conclusão, ele diz que agora afirmou o que é a imaginação e de onde surge.

Revision #1

Created 4 October 2026 20:01:52 by Admin

Updated 4 October 2026 20:02:31 by Admin